

Edição v. 44
número 2 / 2025

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 44 (2)
mai/2025-ago/2025

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

DOSSIÊ

A desinformação como prática política em contexto de crises climáticas: entre a profusão conceitual e a polarização nas redes sociais

Disinformation as a political practice in the context of climate crises: between conceptual profusion and the polarization on social media

LUANA CHINAZZO

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) – Vitória, Espírito Santo, Brasil.
E-mail: luachinazzo@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3090-9608>

FABIO MALINI

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) – Vitória, Espírito Santo, Brasil.
E-mail: fabiomalini@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2405-9109>

GABRIEL HERKENHOFF COELHO MOURA

Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) – São Paulo, SP, Brasil.
E-mail: gabriel.herkenhoff@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4702-5083>

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

CHINAZZO, Luana; MALINI, Fabio; MOURA, Gabriel Herkenhoff Coelho. A desinformação como prática política em contexto de crises climáticas: entre a profusão conceitual e a polarização nas redes sociais. **Contracampo**, Niterói, v. 44, n. 2. 2025.

Submissão em: 22/08/2024. Revisor A: 05/04/2025; Revisor B: 12/03/2025. Aceite em: 04/08/2025.

DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v44i2.64037>



Resumo

A circulação de informações falsas é com frequência abordada por meio de diversas categorias, como desinformação, *fake news*, *pós-verdade* e boato. Na Comunicação Social, tem-se consolidado a perspectiva da desordem informacional. Já outras disciplinas, como Linguística, Filosofia e Saúde Coletiva, terminologias como *fake news*, infodemia e *pós-verdade* são recorrentes. Tal diversidade conceitual reflete a complexidade de um cenário marcado pela transformação do ecossistema informacional, pela crise do discurso especializado e pela intensificação da polarização política. As perguntas que mobilizam este trabalho são: como essa diversidade conceitual se expressa na conversação em plataformas de redes sociais? A discussão pública não-especializada tem acompanhado o debate acadêmico. Assim, este trabalho traça paralelos entre os conceitos de desinformação formulados na prática científica e a conversação nas redes sociais. Primeiramente, mapeia os consensos e dissensos na literatura acadêmica, a partir de uma revisão sistemática de textos indexados pela SciELO entre 2016 e 2024. Depois, testa como esses consensos e dissensos foram mobilizados a partir de um *corpus* de mais de 5 mil postagens multiplataforma (extraídas do X, Instagram e Facebook) que abordam os embates sobre o que era considerado desinformação ou não durante as inundações do Rio Grande do Sul em 2024. Por fim, avalia como as categorias são usadas para defender ou atacar pontos de vista políticos, mostrando como a legitimação dos conceitos de desinformação e informação são hoje dependentes do processo de disputa política.

Palavras-chaves

Desinformação; Redes sociais; Disputa política; Revisão da literatura; Crise climática.

Abstract

The circulation of false information is often addressed through various categories, such as disinformation, fake news, and rumor. In Communication Studies, the perspective of informational disorder has become established. In other disciplines, such as Linguistics, Philosophy, and Public Health, terminologies like fake news, infodemic, and post-truth are more commonly used. Such conceptual diversity generates theoretical debates that often do not intersect. This variety is used to support accusations of spreading misleading content by political actors, who, in turn, criticize the methods of scientific truth verification, countering the accusations by labeling them as biased (towards the left of the political spectrum). Our paper aims to compare the concepts of disinformation stemming from political/institutional activism with those formulated in scientific practice. First, it maps the consensus and dissent in academic literature through a systematic review of texts indexed by SciELO between 2016 and 2024. It then examines how these agreements and disagreements have been mobilized by analyzing a corpus of 130,000 multiplatform posts (extracted from X, Instagram, and Facebook) that discuss the political disputes over what was considered disinformation during the climate disaster in Rio Grande do Sul. Finally, it assesses how these categories are used to defend or attack political viewpoints, demonstrating how the legitimization of the concepts of disinformation and information today is dependent on the social processes inherent to political activism.

Keywords

Disinformation; Social media; Political dispute; Literature review; Climate crisis.

Introdução

Nos últimos dez anos, a desinformação ganhou mais atenção como tópico de estudos, além de se tornar um tema fundamental do debate público. Segundo dados fornecidos pelo Google Trends, em agosto de 2024 o Brasil registrou o maior número de buscas pelo termo, com um aumento de quase cem vezes em comparação com agosto de 2015.¹ Há um dado ainda mais expressivo: no mesmo período, a média de pesquisas pela expressão *fake news* foi quinze vezes maior do que por *desinformação*.² Tais números refletem o crescimento do interesse público pela problemática e, em particular, a prevalência de *fake news* no vocabulário brasileiro. O presente trabalho aborda a popularização do debate sobre desinformação a partir de duas frentes: realizando uma análise de artigos em língua portuguesa sobre o assunto publicados entre 2016 e 2024; e observando a conversação sobre a temática nas plataformas Instagram, Facebook e X (antigo Twitter), mais especificamente, durante a crise provocada pelas enchentes ocorridas no Rio Grande do Sul em meados de 2024.

Mais do que realizar um paralelo entre as compreensões apresentadas no debate acadêmico e aquelas observadas na conversação pública nas redes sociais digitais, o propósito é investigar possíveis convergências e divergências terminológicas entre ambas as esferas. Os problemas de pesquisa colocados são: as preocupações teóricas características do âmbito acadêmico têm reverberação na discussão não especializada sobre a desinformação? É possível notar algum viés político ligado ao debate sobre o assunto? Isto é, as tensões políticas repercutem nas compreensões sobre desinformação encontradas no debate acadêmico e na conversação pública mais ampla?

Para apresentar e refletir sobre tais problemas, este artigo foi dividido em quatro partes. Na Metodologia, descreve os procedimentos adotados na revisão sistemática de literatura e na análise multiplataforma dos conteúdos sobre desinformação. Na seção seguinte, Revisão sistemática de artigos sobre desinformação publicados entre 2016 e 2024, apresenta as percepções derivadas do levantamento de artigos realizados para este trabalho. Depois, a seção Análise da conversação sobre desinformação durante as enchentes no Rio Grande do Sul aborda as compreensões sobre desinformação encontradas no Instagram, Facebook e X (antigo Twitter), por ocasião da crise climática que assolou o Rio Grande do Sul entre abril e maio de 2024. Utilizamos as Considerações finais, quinta e última seção do trabalho, para discutir os pontos de contato e distanciamentos dos resultados encontrados na revisão sistemática e na análise de conteúdos das plataformas de redes sociais.

Metodologia

Como se trata de um trabalho que aborda conteúdos sobre desinformação publicados em esferas distintas, para sua realização foi aplicada uma metodologia cruzada, que combina procedimentos da revisão sistemática de literatura e abordagens ligadas à análise de redes sociais articulados a elementos da análise do discurso digital. Nosso propósito com essa metodologia foi tentar compreender em que medida as discussões teóricas acerca da desinformação dialogam com percepções sobre o tema encontradas na esfera pública digital. As perguntas de pesquisa de fundo colocadas são: o debate conceitual em torno da desinformação está em compasso com a discussão pública mais geral sobre o tema? Tendo em vista

1 Na série histórica fornecida pela ferramenta do Google, pode-se verificar a existência de um crescimento contínuo das pesquisas sobre desinformação entre 2015 e 2025, com picos cada vez maiores a partir de 2016, destacando-se o aumento brusco em outubro de 2018 e novos saltos em meados de 2020, no início de 2021, em outubro de 2022, em abril de 2023 e em agosto de 2024. O gráfico encontra-se disponível em: <https://trends.google.com.br/trends/explore?date=2015-01-01%202025-01-07&geo=BR&q=desinforma%C3%A7%C3%A3o&hl=pt-BR>. Acesso em: 27 maio de 2025.

2 Um gráfico comparativo entre as buscas por desinformação e “fake news” pode ser acessado no link: <https://trends.google.com.br/trends/explore?date=2015-01-01%202025-01-07&geo=BR&q=desinforma%C3%A7%C3%A3o,fake%20news&hl=pt-BR>. Acesso em: 27 maio de 2025.

os contextos em que se fortalecem os debates sobre a da desinformação, encontra-se, na literatura secundária sobre a questão, algum tipo de enviesamento político ligado às opções terminológicas? E na conversação nas plataformas de redes sociais, é possível perceber uma politização de termos específicos?

Apesar da construção do paralelo entre o debate especializado e a discussão não-especializada encontrar seus limites na aplicação de procedimentos de pesquisa distintos, nossa hipótese é que, ao olhar para esses campos lado a lado, torna-se possível que ambos apareçam sob nova luz (isto é, revelando aspectos que a análise exclusiva de um deles não permite ver). Além disso, tal tarefa pode contribuir tanto para se pensar meios de inserção mais efetiva da reflexão teórico-conceitual na conversação pública quanto para se compreender as contribuições da discussão não-especializada no entendimento do fenômeno da desinformação.

Dadas as especificidades da metodologia, cabe uma descrição dos procedimentos adotados. Primeiramente, no que diz respeito ao levantamento realizado sobre o debate conceitual em torno do tema da desinformação, optamos por selecionar artigos em língua portuguesa publicados em periódicos indexados pela Scientific Electronic Library Online (SciELO) entre os anos de 2016 e 2024. A decisão de centrarmos a pesquisa em tal plataforma é decorrente de ela ser de acesso aberto e de se tratar da maior biblioteca digital da América Latina. Os termos que orientaram nossa busca foram: desinformação, *fake news*, desordem informacional, boato, rumor, farsa, mentira, notícia falsa e infodemia. Nosso objetivo ao utilizar tais termos foi inserir nosso trabalho de revisão de literatura dentro de um campo semântico dos fenômenos desinformativos e que, segundo observações não-sistemáticas de publicações sobre o tema, são recorrentes na bibliografia. A justificativa para o recorte temporal adotado reside no fato de que, conforme já mencionado, segundo dados do Google Trends, as buscas pelos termos *desinformação* e *fake news* tiveram um aumento substancial e constante no Brasil a partir de 2016. A seleção foi restrita a artigos publicados em português em periódicos que aplicam a revisão por pares.

Com a utilização desses parâmetros, encontramos na SciELO duzentos e oitenta (280) artigos. Em uma primeira etapa, fizemos a leitura do título dos artigos a fim de manter em nossa base de análise apenas aqueles conectados à nossa preocupação de pesquisa, isto é, o debate acadêmico sobre a desordem informacional contemporânea,³ além de eliminar duplicidades. Após esse processo, restaram cento e cinquenta (150) artigos. O segundo passo para a consolidação do conjunto de textos a serem analisados foi a leitura dos resumos e a leitura flutuante dos artigos, com o intuito de selecionar os artigos que contivessem uma discussão teórica, mesmo que breve, e desconsiderar aqueles que apenas mencionassem os termos de busca. Feito esse procedimento, chegamos aos quarenta e nove (49) textos que compuseram o *corpus* de nossa revisão de literatura. Por fim, realizamos a exploração do material a partir de um roteiro de leitura que nos permitisse obter as informações utilizadas neste trabalho (áreas predominantes, definições mencionadas e priorizadas, referências bibliográficas recorrentes, tipos de estudos, objetos de análise e contextos abordados). Com os resultados obtidos em nossa revisão bibliográfica, traçamos um panorama do debate acadêmico sobre desinformação entre 2016 e 2024.

Em relação à discussão não-especializada sobre desinformação, nosso foco foi a conversação em três plataformas digitais: Instagram, Facebook e X (antigo Twitter). As duas primeiras são as redes sociais mais utilizadas pela população brasileira,⁴ segundo dados do documento *Digital News Report* de

3 Na leitura de títulos, os fatores de exclusão adotados foram: a) artigos em outros idiomas que não o português; b) artigos que não se dedicavam ao tema da desinformação e questões correlatas, mas que, por algum motivo, apareceram como resultado da busca na SciELO; c) artigos cujo foco era a associação da desinformação com as reflexões de um autor específico (constituindo-se como análise da obra de um autor); e d) artigos que utilizavam os termos de busca, mas não se enquadravam no contexto contemporâneo de discussão sobre nosso tópico de pesquisa.

4 Ressalta-se que, em 2024, WhatsApp e Youtube foram as plataformas mais utilizadas segundo o Digital News Report, porém, ambas são plataformas que diferem da dinâmica conversacional de Instagram, Facebook e Twitter - uma por ser um serviço de mensageria com mensagens e grupos privados, outra por ser uma plataforma de vídeo caracterizada por ser menos conversacional e com tempo mais alongado de produção e consumo.

2024 (Newman *et al.*, 2024), e o X tem sido reconhecidamente impactado pela desinformação (Benkler; Faris; Roberts, 2018). Além disso, uma pesquisa do TrustLab, em parceria com a União Europeia, sobre a desinformação na Polônia, Eslováquia e Espanha apontou que essas três são as plataformas em que os usuários têm maior probabilidade de serem expostos a conteúdos desinformativos (TrustLab, 2023). Tendo em vista a popularidade de tais plataformas e sua suscetibilidade à desinformação, elas se mostram locais privilegiados para a compreensão da conversação pública sobre o tema.

Para este artigo, trabalhamos especificamente com a discussão sobre desinformação por ocasião das inundações ocorridas no Rio Grande do Sul em 2024. A escolha de tal recorte teve duas motivações. A primeira delas é o fato de que se trata de um acontecimento já inserido em um contexto de certo amadurecimento do debate sobre desinformação. A segunda está ligada à observação de uma certa complexidade na discussão sobre desinformação durante o evento, devido tanto à preocupação com os impactos do fenômeno no contexto quanto às disputas políticas relacionadas ao tema. Para observar a repercussão do assunto nas plataformas, filtramos os conteúdos coletados sobre a catástrofe com os mesmos termos utilizados e nossa pesquisa na SciELO, isto é, desinformação, *fake news*, desordem informacional, boato, rumor, farsa, mentira, notícia falsa, com a adição da busca por hashtags (por ser um traço da linguagem das redes sociais). Essa filtragem resultou em mil quinhentas e cinquenta e quatro (1554) postagens no Instagram, mil trezentas e sessenta e cinco (1365) postagens no Facebook e duas mil trezentas e noventa e cinco (2395) no X, separadas em três *datasets* distintos.

Para a análise desse *corpus*, realizamos, primeiro, o processamento de cada um desses *datasets* por meio do software Ford, desenvolvido pelo Laboratório de Internet e Ciência de Dados (Labic/Ufes), com o intuito de identificar as relações entre os termos presentes nas postagens coletadas. Tal procedimento resultou em três arquivos cuja base são matrizes com as duzentas palavras mais frequentes em cada um dos *dataset*, os quinze termos a elas associados e as correlações existentes nesses conjuntos semânticos. Os arquivos gerados pelo processamento possibilitaram a representação gráfica desses grupos de palavras em forma de grafos, o que chamamos de redes semânticas. Para a criação de tais redes, utilizamos o software livre e de código aberto *Gephi*, empregado para análise de redes complexas por permitir a geração automática de estatísticas e a visualização de dados como grafos. Nas redes semânticas apresentadas neste trabalho, cada palavra é representada como um nó ou vértice e suas relações são representadas como arestas. O tamanho dos nós varia de acordo com a frequência em que as palavras aparecem no *dataset* e suas cores foram atribuídas através da estatística *modularidade*, que calcula os grupos de nós mais associados em um grafo, no caso, formando *clusters* de termos cuja co-ocorrência é mais frequente. Nosso propósito ao utilizar esse modo de visualizar o debate público sobre desinformação nas plataformas de redes sociais foi apresentar as principais tendências da conversação em meio à profusão de conteúdos que permeia a esfera pública digital.

Revisão sistemática de artigos sobre desinformação publicados entre 2016 e 2024

Com o objetivo de mapear como o fenômeno da desinformação tem sido abordado e conceituado em diferentes áreas do conhecimento, realizamos uma revisão de literatura. Para isso, foram selecionados artigos de diversas disciplinas, como Comunicação Social, Saúde Coletiva, Ciências Sociais e Linguística, que exploram definições e contextos relacionados ao tema. A análise considerou os termos mencionados e as definições centrais adotadas pelos artigos, as justificativas para essas escolhas e os autores e teorias frequentemente citados. Os critérios de inclusão envolveram a presença de uma definição explícita para noções associadas ao campo teórico da desordem informacional, como *fake news*, infodemia, pós-verdade, desinformação, dentre outras. Artigos cujo foco principal não incluía desinformação ou seus correlatos foram excluídos da análise.

De forma geral, o termo mais utilizado é *desinformação*, que predomina em áreas como Comunicação e Ciências da Informação. Dos 49 textos examinados, 39 fazem referência ao termo, sendo que em 30 ele é adotado como conceito central. Este conceito é frequentemente definido como a criação e disseminação intencional de informações falsas, visando enganar, manipular ou causar danos sociais, políticos ou econômicos. A prevalência desse termo pode ser atribuída à sua abrangência e à capacidade de capturar fenômenos mais amplos que as chamadas *notícias falsas*. Entre os trabalhos que o adotam como conceito principal, 15 fundamentam-se na estrutura conceitual proposta por Wardle e Derakhshan (2017), que classifica os fenômenos desinformativos em três tipos, conforme sua origem e intenção: *mis-information* (informação errônea), *dis-information* (desinformação) e *mal-information* (má-informação). Além disso, alguns trabalhos argumentam que a *desinformação* permite uma análise mais abrangente, considerando tanto os aspectos estruturais quanto os efeitos sociais e políticos.

Outros termos como *fake news* (presente em 33 trabalhos e adotado como conceito central por 21), pós-verdade (abordado por 17, mas central em apenas cinco) e infodemia (mencionado em 14, mas central em apenas um) também são frequentes, mas com enfoques específicos. O termo *fake news*, por exemplo, é amplamente utilizado em estudos das Ciências da Saúde, além de ser utilizado em áreas como a Comunicação para descrever especificamente as informações fabricadas que imitam o formato tradicional de notícias, mas que carecem de compromisso com a veracidade. Frequentemente, ele é problematizado em trabalhos desta área por ser adotado por políticos para rotular informações que não os favorecem ou por romper com a factualidade inerente às notícias no campo do jornalismo. O termo *infodemia* é priorizado em estudos sobre temas sanitários, especialmente sobre a pandemia de Covid-19. Já *pós-verdade* é utilizado, sobretudo, em contextos relacionados ao impacto social da desinformação. Por fim, ainda se destacam *dissimulacro*, *false news*, *shitstorms* e *afirmativismo*. A sistematização desses e outros termos mencionados nos artigos analisados é apresentada no Quadro I abaixo, junto aos títulos, autores e anos das obras.

Quadro I - Definições adotadas para os fenômenos desinformativos entre 2016 e 2024 em artigos em língua portuguesa publicados em periódicos indexados pela SciELO

Título	Autor(es)	Ano	Área de conhecimento do periódico	Definições para os fenômenos desinformativos mencionadas	Definição(ões) central(is) adotada(s)
“Bota fogo nesses vagabundos!”: retextualizações de xenofobia na trajetória textual de uma Fake News	Silva, I.	2020	Linguística Aplicada	boatos; desinformação (disinformation); fake news; fato alternativo; informação incorreta (misinformation); informação mal-intencionada (mal-information); mídia falsa; pós-verdade; rumor	desinformação; fake news
#FraudenasUrnas: estratégias discursivas de desinformação no Twitter nas eleições 2018	Recuero, R.	2020	Linguística Aplicada	desinformação (disinformation); fake news; falsidade descarada; infodemia; informação enganosa (misinformation); má-informação (mal-information); pós-verdade	desinformação
A ciência entre a infodemia e outras narrativas da pós-verdade: desafios em tempos de pandemia	Giordani, R. C. F.; Donasolo, J. P. G.; Ames, V. D. B.; Giordani, R. L.	2021	Saúde Coletiva	desinformação	desinformação
A infodemia transcende a pandemia	Pinheiro, N.; Kowal, I. C.; Rosemiro, F.; Machado, M. H.; Souza, M. C.	2021	Saúde Coletiva	infodemia	infodemia

A pandemia de Covid-19 e as Fake News	Rosaa, T.; Delduque, M. C.; Alves, S. M. C.	2023	Saúde Pública	fake news; infodemia	fake news
Ações governamentais para enfrentamento da crise de desinformação durante a pandemia da Covid-19	Santos, M. L. R.; Paim, M. C.; Soares, C. L. M.; Santos, D. M.; Sande, R. S.; Santos, G. R. M. S.	2021	Saúde Coletiva	desinformação (disinformation); fake news; infodemia; mal-information; misinformation; pós-verdade	desinformação
Análise de Fake News veiculadas durante a pandemia de Covid-19 no Brasil	Barcelos, T. N.; Muniz, L. N.; Dantas, D. M.; Cotrim Junior, D. F.; Cavalcante, J. R.; Faerstein, E.	2021	Saúde Pública	fake news; infodemia	fake news
As Fake News e os sete pecados do capital: uma análise metafórica de vícios no contexto pandêmico da Covid-19	Vasconcellos-Silva, P. R.; Castiel, L. D.	2022	Saúde Coletiva	fake news	fake news
Avaliação da acurácia da informação em sites sobre leishmaniose visceral: uma estratégia de enfrentamento da desordem informacional	Neto, A. P.; Ferreira, E.; Barbosa, L.; Paolucci, R.	2023	Saúde Pública	desinformação (disinformation); mal-information; misinformation	desinformação
Barreiras à informação em saúde nas mídias sociais	Brasileiro, F. S.; Almeida, A. M. P.	2021	Ciências da Informação	desinformação	desinformação
Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter	Recuero, R.; Gruz, A.	2019	Ciências Sociais	desinformação; fake news	fake news
Competência em Informação, Fake News e desinformação: análise das pesquisas no contexto brasileiro	Ançanello, J. V.; Casarin, H. C. S.; Furnival, A. C.	2023	Ciências da Informação	desinformação (disinformation); fake news; falsidade descarada; infodemia; informação incorreta (misinformation); informação manipuladora (mal-information)	desinformação; fake news
Comunicação política, Fake News e redes sociais: uma revisão sistemática da literatura	Castro, R.; Souza, A.; Ferreira, M.; Mello, J.	2022	Ciência Política	desinformação; fake news; informação falsa (disinformation); informação incorreta (misinformation); informação prejudicial (mal-information); junk news; pós-verdade	desinformação; fake news; pós-verdade
Comunidades de pertencimento, desinformação e antagonismo: processos interacionais em grupos antivacina no Telegram no Brasil	Maia, L. R. H.; Massarani, L.; Santos Júnior, M. A.; Oliveira, T.	2024	Comunicação e Saúde Pública	desinformação	desinformação
Considerações psicanalíticas sobre a pós-verdade e as malditas Fake News	Miranda, L. L.; Caldas, H.	2021	Psicologia	fake news; pós-verdade	fake news
Contribuições da Teoria da Inoculação e o papel didático da gamificação como ferramenta de combate à desinformação política	Silva, K. M. F. C.; Presser, N. H.	2023	Psicologia Social	desinformação (disinformation); fake news; infodemia; informação imprecisa (misinformation); informação maliciosa (mal-information); pós-verdade	desinformação

A desinformação como prática política em contexto de crises climáticas: entre a profusão conceitual e a polarização nas redes sociais

Covid-19, desinformação e Facebook: circulação de URLs sobre a hidroxicloroquina em páginas e grupos públicos	Soares, F. B.; Viegas, P.; Bonoto, C.; Recuero, R.	2021	Comunicação e Saúde Pública	desinformação, desinformação enganosa (misinformation), infodemia	desinformação
Credibilidade de informações em tempos de Covid-19	Fachin, J.; Araujo, N. C.; Sousa, J. C.	2020	ibliotecnologia e Ciencia da Informação	desinformação; fake news; infodemia; pós-verdade	desinformação
Desafios da desinformação e das Fake News: Estudo de caso com estudantes do ensino superior	Morais, N. S.; Sobral, F.	2020	Educação e desenvolvimento Social	desinformação; fake news	desinformação; fake news
Desafios da sociedade da informação na recuperação e uso de informações em ambientes digitais	Delfino, S. S.; Pinho Neto, J. A. S.; Sousa, M. R. F.	2019	Ciências da Informação	boato; calúnia; desinformação; difamação; fake news; informações não checadas; pós-verdade; zumbificação	fake news; pós-verdade
Desinformação, negacionismo e a pandemia	Perini-Santos, E.	2022	Filosofia	desinformação	desinformação
Dissimulacro-ressimulação: ensejos da cultura do ódio na era do Brasil pós-verdade	Quadros, P.	2018	Comunicação Social	boataria; desinformação; dissimulacro; fake news; falsa propaganda; pós-verdade; ressimulação	dissimulacro; pós-verdade; ressimulação
Entendendo a desinformação: algumas determinações e uma proposta de conceituação	Santos, W. A. L.; Pajeú, H. M.	2024	Ciências da Informação	desinformação (disinformation); fake news; informação incorreta (misinformation); má-informação (mal-information); pós-verdade	desinformação (enquanto coisa, conhecimento ou processo)
Entrando no campo da desinformação: emoções conflitantes e os limites da relativização	Sacramento, I.; Falcão, H.; Monari, A. C.	2023	Saúde Pública	afirmativismo; desinformação; fake news	afirmativismo; desinformação
Esfera pública e desinformação em contexto local	Torre, L.; Jerónimo, P.	2023	Comunicação Social	desinformação	desinformação
Estado, democracia e tecnologia: conflitos políticos e vulnerabilidade no contexto do Big-data, das Fake News e das Shitstorms	Caldas, C. O. L.; Caldas, P. N. L.	2019	Ciência da Informação	candystorm; fake news; shitstorms;	fake news; shitstorms
Estratégias discursivas da desinformação sobre Covid-19: interdiscursividade e efeitos de verdade em vídeos no Youtube	Scabin, N. L. C.	2024	Ciências da Linguagem	desinformação; fake news; infodemia pós-verdade; rumor	desinformação
Fake News e ensino de ciências: compreensões e discussões para o ensino e a pesquisa	Delgado, K. P.; Milaré, T.	2022	Humanidades e Ciências Sociais	desinformação; fake news; false news; pós-verdade	fake news; false news
Fake News e o Repertório Contemporâneo de Ação Política	Mendonça, R. F.; Freitas, V. G.; Aggio, C. O.; Santos, N. F.	2023	Ciência Política	desinformação (disinformation); misinformation; notícia falsa (fake news); pós-verdade	fake news
Fake News e Storytelling: dois lados da mesma moeda ou duas moedas com lados iguais?	Girão, M.; Irigaray, H. A. R.; Stocker, F.	2023	Administração	desinformação intencional; desinformação não intencional; fake news (gênero e rótulo); má-informação; poluição informacional	fake news

Fake News em jogo: uma discussão epistemológica sobre o processo de produção e disseminação de (in) verdades em redes sociais	Pinheiro, P.	2021	Linguística Aplicada	fake news; simulacro de verdade	fake news
Greenwashing e Desinformação: A Publicidade Tóxica do Agronegócio Brasileiro nas Redes	Medeiros, P.; Salles, D.; Magalhães, T.; Melo, B.; Santini, R. M.	2024	Comunicação Social	desinformação	desinformação
Impacto da disseminação de fake news em tempo de pandemia da Covid-19: um protocolo de revisão scoping	Ricardo, J.; Cunha, M.; Santos, E.	2020	Educação e Desenvolvimento Social	fake news; infodemia	fake news
Jornalismo declaratório no Twitter: como os usuários reagem à reprodução de declarações de Bolsonaro com desinformação?	Araújo, A.; Teixeira, A.	2023	Comunicação Social	desinformação; infodemia	desinformação
Linha do tempo do “tratamento precoce” para Covid-19 no Brasil: desinformação e comunicação do Ministério da Saúde	Floss, M.; Tolotti, G.; Rossetto, A. S.; Camargo, T. S.; Saldiva, P. H. N.	2023	Comunicação e Saúde Pública	desinfodemia, desinformação (disinformation), misinformation, infodemia, informações baseadas na realidade (mal-information)	desinformação
Muito além do negacionismo: desinformação durante a pandemia de Covid-19	Miskolci, R.	2023	Comunicação Social	desinformação; informação equivocada (misinformation) fake news; infodemia; informação enganosa (misleading information); notícia fraudulenta	desinformação
Narrativas sobre vacinação em tempos de Fake News: uma análise de conteúdo em redes sociais	Massarani, L.; Waltz, I.; Leal, T.; Modesto, M.	2021	Saúde Pública	desinformação; fake news	fake news
Notícia falsa sobre Covid-19: relações dialógicas entre técnicas de persuasão e a produção do efeito de legitimidade e credibilidade	Lima, G. S.; Oliveira, V. S.	2024	Comunicação Social	notícia falsa (fake news); desinformação	desinformação; fake news
O combate à desinformação sobre a tentativa de golpe: intercorrências de pós-verdade, populismo e fact-checking	Luiz, T. C.	2023	Comunicação Social	desinformação; fake news; narrativa fraudulenta; narrativa manipulada; pós-verdade	desinformação; pós-verdade
O consumismo da desinformação em saúde: os abjetos objetos do desejo	Vasconcellos-Silva, P. R.	2023	Saúde Coletiva	desinformação	desinformação
O jornalismo no novo ambiente comunicacional: Uma reavaliação da noção do “jornalismo como sistema perito”	Miguel, L. F.	2022	Comunicação Social	fake news; pós-verdade	pós-verdade

O papel do jornalismo no combate às Fake News: o caso do último dia da campanha eleitoral de 2019 em Portugal	Quintanilha, T. L.; Cardoso, G.; Baldi, V.; Paisana, M.	2021	Ciências Sociais	desinformação (disinformation); fake news; informação errada (misinformation); má informação (mal-information)	fake news
O processo de desinformação e o comportamento informacional uma análise sobre a escolha de voto nas eleições municipais de 2020	Diego Leonardo de Souza Fonseca; João Arlindo dos Santos Neto	2021	Biblioteconomia e Ciência da Informação	desinformação; fake news; lacunas comunicacionais; zumbificação	desinformação
Os caminhos da ciência para enfrentar Fake News sobre Covid-19	Raquel, C. P.; Ribeiro, K. G.; Alencar, N. E. S.; Souza, D. F. O.; Barreto, I. C. H. C.; Andrade, L. O. M.	2022	Saúde Pública	desinformação; fake news; infodemia; pós-verdade	fake news
População em situação de rua: comunicação e (des)informação no contexto da pandemia de Covid-19	Oliveira, A. M. C.; Dantas, A. C. M. T. V.; Souza, A. A.; Marinho, R. A.; Martins, A. L. J.; Paes-Sousa, R.	2024	Saúde Coletiva	desinfodemia; desinformação; infodemia	desinformação
Populismo, desinformação e Covid-19: comunicação de Jair Bolsonaro no Twitter	Penteado, C. L. C.; Goya, D. H.; Santos, P. D.; Jardim, L.	2022	Comunicação Social	desinformação intencional (disinformation); desinformação não intencional (misinformation); informação maliciosa (mal-information); narrativas	desinformação
Reinventando a Pandemia: Desobediência Alternativa	Gouveia, J. T.	2021	Filosofia Política e Social	fake news; infodemia; pós-verdade	fake news
Teorias da Conspiração em Tempos de Pandemia Covid-19: Populismo, Media Sociais e Desinformação	Ferreira, G. B.	2021	Comunicação Social	desinformação; infodemia; notícia falsa	desinformação
Vacinas e redes sociais: o debate em torno das vacinas no Instagram e Facebook durante a pandemia de Covid-19 (2020-2021)	Carvalho, E. M.; Santos Junior, M. A.; Neves, L. F. F.; Oliveira, T. M.; Massarani, L.; Carvalho, M. S.	2022	Saúde Pública	desinformação	desinformação

Fonte: elaborado pelos autores.

Como observamos no quadro apresentado acima, os temas relacionados à desinformação têm sido abordados por diferentes áreas do conhecimento, com significativa intensificação nos últimos anos. Esse crescimento pode ser atribuído, em grande parte, ao impacto desses fenômenos na pandemia de Covid-19, que redirecionou o foco das pesquisas para os aspectos sanitários e as consequências da infodemia. Ao revisarmos os textos publicados entre 2016 e 2017, não encontramos estudos que se enquadrem no recorte desta análise, evidenciando que, nesse período, os tópicos relacionados à desinformação ainda não haviam se consolidado como temas acadêmicos prioritários. As pesquisas publicadas antes da pandemia que compõem nosso corpus centram-se nos desafios da democracia em um contexto de pós-verdade marcado pela circulação de *fake news* relacionadas à política.

A partir de 2020, observamos um redirecionamento do foco das pesquisas para questões relacionadas à saúde pública. Esse período, principalmente os anos de 2021 e 2023, foi marcado pelo auge dos estudos sobre desinformação, com abordagens que conectam o fenômeno a contextos de crise

sanitária e vulnerabilidades sociais. As menções ao termo *infodemia* e a preocupação com a desinformação sobre medidas de prevenção e vacinação são predominantes nas publicações de 2021, 2022, 2023 e 2024. Além disso, é nesse período que se passa a adotar o termo *desinformação*, especialmente com base na proposição de Wardle e Derakhshan, publicada em 2017.

Em relação ao debate climático e ambiental, contexto em que analisaremos a discussão não-especializada sobre desinformação, apenas um texto foi publicado, em 2024, indicando uma lacuna nos estudos acadêmicos sobre o tema. Nossa hipótese para isso é que, embora o debate sobre as mudanças climáticas tenha recebido atenção nos últimos anos – por exemplo em relação ao negacionismo –, sua intersecção direta com o fenômeno da desinformação ainda carece de maior atenção acadêmica.

Os estudos sobre desinformação e *fake news* são fundamentados em uma base teórica diversificada. Nos textos que abordam a noção de desinformação, Wardle e Derakhshan (2017), como já mencionado, têm destaque com sua categorização tripartida de desordem informacional. No entanto, ao analisar os artigos que compõem o Quadro I, observa-se uma variação nas traduções e interpretações dos termos *disinformation*, *misinformation* e *mal-information*. Entre eles, o primeiro recebe maior destaque, enquanto os outros dois, *misinformation* e *mal-information*, embora mencionados com recorrência, não são adotados como centrais. No caso de *misinformation*, essa menor visibilidade pode ser atribuída à ausência de um termo equivalente direto em português, enquanto a subutilização de *mal-information* pode ser explicada pelo fato de sua definição não englobar de maneira abrangente os eventos mais frequentemente associados à desinformação nas plataformas digitais. Além de Wardle e Derakhshan (2017), cerca de metade dos artigos que priorizam o uso do termo *desinformação* recorre a outras referências teóricas para embasar suas análises. Alguns estudos, como os de Ançanello et al. (2023) e Santos et al. (2021), adotam concepções alinhadas às de Wardle e Derakhshan, embora se apoiem em autores distintos. Entre os nomes citados estão Massarani et al. (2021), Wu et al. (2019), Karlova e Fisher (2013), entre outros. Esta última publicação, anterior à tipologia de Wardle e Derakhshan (2017), já propunha a distinção entre *misinformation* e *disinformation*, compreendidas como extensões do conceito de informação por serem igualmente informativas – ainda que de formas problemáticas ou enganosas. Os autores definem *misinformation* como informação imprecisa, incompleta, incerta, vaga ou ambígua, geralmente disseminada sem intenção deliberada de enganar. Já a *disinformation* é caracterizada como informação deliberadamente enganosa, podendo ser ou não verdadeira, mas sempre com o propósito de induzir ao erro.

Já os artigos que utilizam o termo *fake news* frequentemente recorrem à definição de Allcott e Gentzkow (2017), cujo estudo sobre as *fake news* nas eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2016 é amplamente citado, conforme identificado em uma das revisões sistemáticas que compõem nosso corpus (Castro et al., 2022). Complementando essa discussão, Tandoc Jr., Lim e Ling (2017) classificam *fake news* em categorias como sátira, propaganda e fabricação, abordando suas implicações midiáticas, figurando como referência frequente. Outros autores, como Bakir e McStay (2018), que analisam os impactos econômicos e democráticos das *fake news*, e Santaella (2018), que apresenta uma abordagem brasileira sobre o tema, também possuem relevância significativa nas produções analisadas. Para abordar a pós-verdade, o Dicionário Oxford, que elegeu o termo como a palavra do ano de 2016, é a fonte mais citada, definindo o fenômeno como um contexto político e cultural no qual os fatos objetivos têm menos influência sobre a opinião pública do que apelos às emoções e crenças pessoais. Complementarmente, Jean Baudrillard, com a teoria do simulacro, e Gilles Lipovetsky, ao explorar a hipermodernidade, fornecem uma base teórica sobre a fragmentação da realidade e os excessos de sentido. No uso de *infodemia*, a Organização Mundial da Saúde (OMS) é a referência central, definindo o termo como a disseminação excessiva de informações, muitas vezes imprecisas, que dificulta o acesso a dados confiáveis. Já o termo *shitstorms*, que explora a polarização e a viralização de conteúdos emocionais nas redes sociais, encontra suporte teórico também no Dicionário Oxford. Por fim, o afirmativismo, que enfoca a afirmação de valores,

crenças e cosmovisões, é apresentado por Sacramento, Falcão e Monari (2023) como contraponto ao conceito de negacionismo.

Análise da conversação sobre desinformação durante as inundações no Rio Grande do Sul

As nuances da discussão especializada em língua portuguesa acerca da desinformação revelam algumas das principais preocupações envolvidas e as ênfases adotadas na reflexão sobre o tema. Entretanto, essa é apenas uma das facetas do debate. Outra diz respeito a como o público em geral percebe a desinformação. Para compreender esse aspecto do debate, é válido observarmos como ele se dá nas plataformas de redes sociais, dada a atual importância destas na reconfiguração da esfera pública (Habermas, 2023). Tal atenção justifica-se em dois níveis intimamente conectados: a) a consolidação da centralidade das plataformas digitais no consumo de informação; e b) o papel dessas mesmas plataformas na circulação de desinformação. É importante notar ainda que, além de se constituir como espaço de conversação entre não-especialistas, as redes sociais são permeadas também pelo debate especializado, seja pela penetração deste na imprensa tradicional, seja por laboratórios e pesquisadores terem seus trabalhos disseminados nas plataformas.

Segundo dados do *Digital News Report*, relatório do Instituto Reuters em parceria com a Universidade de Oxford, em 2020 as redes sociais digitais ultrapassaram a televisão como fonte preferencial para o consumo de notícias no Brasil (Newman, 2020, p. 90). Essa tendência por si só aponta para a necessidade de se atentar para como se dão as discussões de tópicos relevantes nas plataformas. Contudo, no caso específico da problemática da desinformação, a observação da conversação nas redes sociais articula-se à percepção difusa e bem sustentada acerca do papel de tais plataformas na disseminação de informações falsas e imprecisas (Wardle; Derakhshan, 2017; Benkler; Faris; Roberts, 2018; Habermas, 2023). Na medida em que a produção e consumo de informação são indissociáveis de redes como Facebook, Instagram e X, e uma vez que os brasileiros têm reconhecido a importância de se conter a desinformação nas redes sociais (DataSenado, 2024), a análise da discussão nesses espaços fornece indicações acerca da percepção pública sobre o tema.

O estado de emergência provocado pelas inundações no Rio Grande do Sul fornece um caso emblemático para o acompanhamento da discussão sobre desinformação nas plataformas digitais por alguns motivos. Em primeiro lugar, relatórios e alertas produzidos no período apontaram para o grande volume de *desinformação* ou *fake news* sobre a catástrofe climática em curso (NetLab, 2024; Senado, 2024). Em segundo lugar, a literatura secundária tem chamado atenção, sobretudo desde a pandemia de Covid-19, para os danos causados pelas informações falsas e imprecisas em situações de crise (OPAS, 2020; ONU, 2023). Por fim, ao mesmo tempo em que se davam as articulações do governo e da sociedade civil para resgatar e auxiliar os afetados pelas enchentes, a discussão sobre o impacto da desinformação na ajuda ao Rio Grande do Sul tornou-se tópico importante do debate público.

Para compreender as particularidades da conversação sobre desinformação por ocasião da emergência climática no Rio Grande do Sul nas plataformas digitais, como mencionado, realizamos coletas acerca do tema no Facebook, Instagram e X (antigo Twitter). Nosso propósito é apresentar um panorama do debate em tais redes sociais por meio da realização de análises de redes semânticas, isto é, das relações entre palavras visualizadas na forma de grafos (em que os pontos ou nós são palavras, as linhas ou vértices representam a ligação entre palavras e as diferentes cores representam diferentes grupos de palavras mais frequentemente associadas). Assim, pretendemos apresentar uma visão multiplataforma do debate, ressaltando as especificidades da discussão em cada rede social e os traços em comum observados nelas.

Olhando-se por um prisma geral, gostaríamos de ressaltar cinco aspectos compartilhados pelas três plataformas. 1) O termo *fake news* (2104 ocorrências) é ligeiramente mais utilizado do que *desinformação*

show da Madonna, traz como tema central a polêmica em torno do financiamento da exibição da cantora, ocorrido no Rio de Janeiro no início das enchentes, e o boato de que ela teria feito uma doação para ajudar as vítimas da catástrofe.⁶ O grupo verde-oliva (8,17%), com mensagens de caráter institucional, concentra publicações sobre a atuação de instituições ligadas ao governo federal no combate a *fake news*, que estariam sendo utilizadas para minar as ações em prol do Rio Grande do Sul.⁷ O grupo rosa (6,6%), de acusação a figuras vinculadas ao campo da direita, é formado por mensagens que tratam do uso político da desinformação em uma situação em que o povo gaúcho passa pela maior catástrofe climática de sua história.⁸ Além desses, os grupos roxo e verde são notáveis por indicarem a preocupação com o combate à desinformação nas plataformas.

No caso do Instagram (Figura 2), dentre os cinco principais grupos semânticos, algumas tendências observadas no Facebook se repetem.

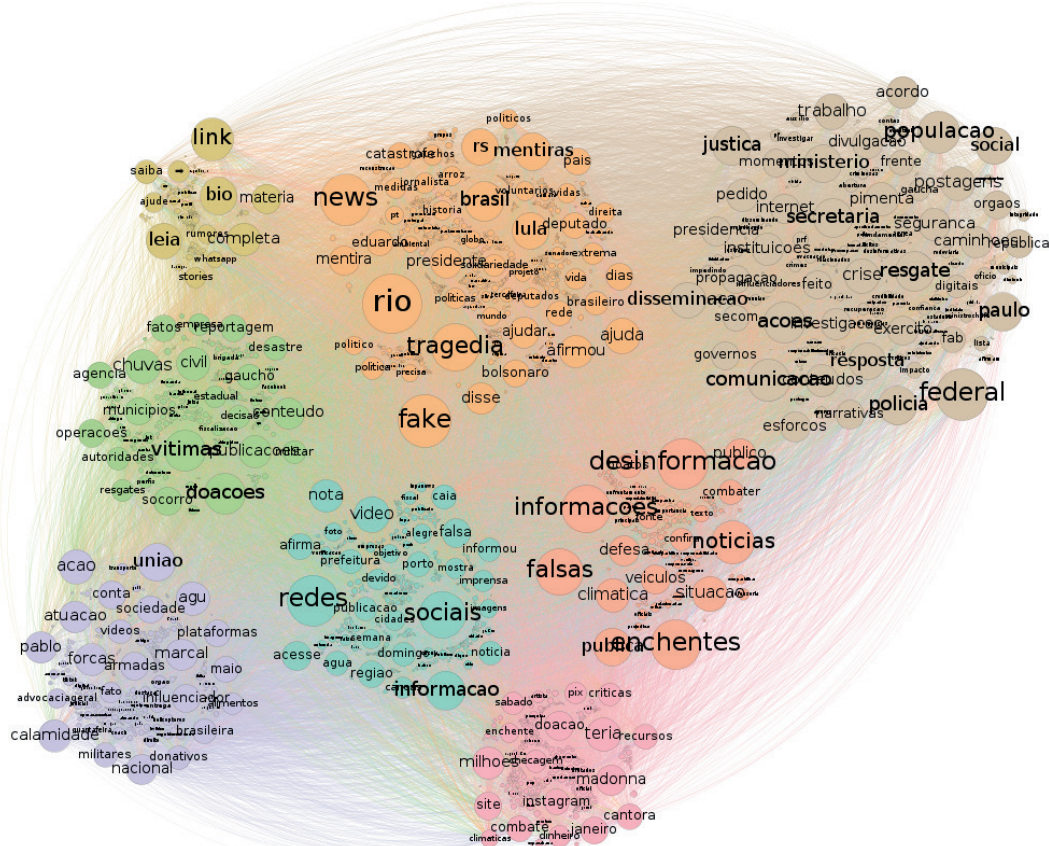
Adiantamento de benefícios já existentes como Bolsa Família e Restituição do IR. 2) Estimativas irreais de empréstimos que podem ser feitos por bancos. Enquanto anunciam valores BILIONÁRIOS, estão na verdade reciclando dinheiro que já pertence ao povo. Essa farsa é uma afronta à inteligência dos brasileiros e um desrespeito às verdadeiras necessidades do RS. Vamos desmascarar essa manipulação vergonhosa! Fonte disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cg30m9pgzxmo#:~:text=Poss%C3%ADvel%20duplica%C3%A7%C3%A3o%20de%20valores,no%20Rio%20Grande%20do%20Sul.:https://www.bbc.com/portuguese/articles/cg30m9pgzxmo>. Acesso em: 10 maio 2025. #MentiraDoGoverno #CriseNoRS #DesrespeitoComOPovo"; e "O presidente Lula da Silva (PT) afirmou, na quinta-feira (9), que o povo brasileiro seria merecedor de um Prêmio Nobel, caso existisse a categoria "solidariedade", em especial, com os gaúchos, que enfrentam a pior crise climática da história do Estado. "A solidariedade é uma coisa excepcional, eu acho que se um dia tiverem que dar um Prêmio Nobel de solidariedade ao povo de algum país, eu não tenho dúvida de que o povo brasileiro receberá esse prêmio. Porque é um povo muito solidário e muito generoso, apesar de alguma minoria ser tão perversa como é", disse o presidente durante anúncio do governo sobre as 12 medidas de socorro para o Rio Grande do Sul, que passa pela pior tragédia climática já enfrentada [...]"

6 Sobre o financiamento do show, um exemplo é a mensagem: "Ministro desmente que governo federal pagou pelo show da Madonna O ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social do Governo Federal (Secom), Paulo Pimenta refuta as 'fake news' que relacionam o show da Madonna em Copacabana com a tragédia ambiental no Rio Grande do Sul, expressando sua perplexidade com tais alegações. Ele esclarece que o financiamento do evento não envolve recursos do governo federal, mas sim do banco Itaú, Heineken e apoio da Prefeitura e governo do Rio de Janeiro. O ministro disse que as pessoas 'de forma criminosa' inventam mentiras em um momento dramático como o vivido pelo estado gaúcho. 'O show da Madonna foi pago pelo Itaú e pela Heineken, com apoio da prefeitura do Rio e do governo do estado, gerando um enorme movimento positivo, mas as pessoas disseminam uma mentira de que foi financiado com a Lei Rouanet, com o dinheiro do governo federal, o dinheiro que poderia estar sendo investido no Rio Grande do Sul. Isso é mentira', disse o ministro em vídeo. [...]". Sobre a suposta doação realizada pela cantora: "Governo do Rio Grande do Sul, diz ser mentira que a cantora Madonna havia feito pix de R\$ 10 milhões para vítimas de chuvas [...]"

7 Dentre essas mensagens está: "Como noticiou o Conexão Política, o ministro da Justiça e Segurança Pública, Ricardo Lewandowski, solicitou à Polícia Federal (PF) que investigue a divulgação de conteúdos que estão sendo enquadrados pelo Palácio do Planalto como falsos sobre as enchentes no Rio Grande do Sul. Lewandowski acolheu a uma solicitação do ministro da Secretaria de Comunicação Social (Secom) do governo Lula, Paulo Pimenta. A Secom enviou ao ministro da Justiça uma relação de publicações com informações taxadas por ele como 'fake news' ao mesmo tempo em que cobrou a adoção de providências. O governo Lula alega que esses posts são errôneos, apontando que há usuários dizendo que o presidente da República não estaria ajudando a população do Rio Grande do Sul, como também o Exército e a Polícia Rodoviária Federal (PRF) estariam criando dificuldades no processo de chegada dos caminhões de auxílio. O documento com pedido da Secom inclui publicações feitas em redes sociais pelo deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP) e o senador Cleitinho (Republicanos-MG), além de postagem de personalidades e influenciadores, entre eles, Pablo Marçal. [...]".

8 Uma mensagem exemplar é: "Durante o governo Bolsonaro 600 mil pessoas morreram em decorrência do COVID-19. Segundo especialistas, muitos desses óbitos seriam evitáveis caso o governo tivesse adotado medidas preventivas, vacinação, desde o surgimento dos imunizantes, a população e não tivesse patrocinado uma campanha de desinformação em âmbito nacional. Hoje, 2024, em meio a tragédia no Rio Grande do Sul, novamente espalham mentiras e atrapalham os esforços em prol do povo gaúcho. De fato, o bolsonarismo é a arma de destruição em massa mais letal para os brasileiros em sua história recente... é a imoralidade e hipocrisia personificadas em uma ideologia e materializadas em partidos e falsos religiosos de extrema direita [...]"

Figura 2 – Rede semântica das mensagens sobre desinformação no Instagram



Fonte: elaborada pelos autores.

1) O grupo laranja (32,02% da rede), de disputa em torno da atuação do governo federal, é formado por termos que remetem à articulação entre desinformação e as ações do presidente Lula, com mensagens que problematizam tanto as informações falsas quanto a suposta compreensão de críticas legítimas ao governo como *fake news*.⁹ 2) O cluster azul (15,75%), de denúncia de casos de desinformação, diz respeito a algumas situações de informação falsa disseminadas no período, como uma sobre o rompimento de um dique em Canoas e outra sobre um suposto bloqueio de doações sem nota fiscal.¹⁰ 3) O grupo roxo

9 Dois exemplos de tal disputa são: “A desinformação sempre foi utilizada como potente arma de guerra. Com o surgimento das redes digitais, o alcance e a capacidade destrutiva das fake news ganharam alcance exponencial. Vivemos isso de forma dramática na pandemia do Covid onde perdemos mais de 700 mil pessoas, especialistas avaliam que talvez 400 mil vidas poderiam ter sido salvas no Brasil. Desde o início da tragédia que está vivendo o RS vivemos tb, uma nova e intensa onda de Fake News, mentiras e desinformação, com o objetivo de desacreditar a capacidade do Estado em dar uma resposta efetiva e tb atingir os agentes públicos que atuam na linha de frente na implementação das políticas governamentais. Manipulação de vídeos, edições criminosas, descontextualização de fatos e anúncios, mentiras de toda ordem, diariamente são distribuídas de forma industrial por um poderoso ecossistema de desinformação. O que é pior, parte da mídia, desavisada ou mal-intencionada, se junta a influenciadores e políticos irresponsáveis para amplificar o alcance dos desastres dentro do desastre. Na guerra a primeira vítima é a verdade. Estou vivendo isso ‘na pele’. Desde o momento da minha nomeação pelo Presidente @LulaOficial, para representar o governo federal no RS, uma avalanche de fake news de toda se ordem vem sendo orquestrada e fortemente trabalhada para minar minha capacidade de trabalho [...]”; e “Esse governo do qual a Folha de São Paulo está falando aí é o governo Lula, tá ok?! O governo Lula está pedindo a prisão de brasileiros acusando-os de Fake News sobre o Rio Grande do Sul. Mas quando a mentira é do governo, o que fazer?”

10 Sobre o rompimento do dique em Canoas: "O Exército determinou, neste domingo (26), o imediato afastamento de militares que divulgaram, sem consentimento do comando, um alerta para que moradores de um bairro de Canoas, na região metropolitana de Porto Alegre, evacuassem a área por risco de inunda-

(9,14%), sobre a polêmica entre Pablo Marçal e o Exército, tem como questão central a repercussão das acusações do influenciador de falta de ação das Forças Armadas, que teve como resposta uma ação judicial da Advocacia Geral da União.¹¹ 4) O grupo marrom (9,06% da rede), de caráter institucional, concentra as mensagens que visam defender as ações do governo federal para auxiliar o Rio Grande do Sul e criticar o que seriam desinformações que atrapalham o trabalho de resgate e reconstrução das cidades.¹² 5) O grupo salmão (6,22%), de problematização geral da desinformação, representa postagens que alertam para a importância do combate à desinformação na situação de emergência climática vivida pelo Rio Grande do Sul, com destaque para associação entre a desinformação e o campo da extrema-direita.¹³ Completam a rede semântica ainda, um grupo ligado às desinformações que circularam por ocasião do show da Madonna.

O caso do X (antigo Twitter) é um pouco distinto daquilo que foi notado no Facebook e no Instagram, sobretudo, porque se observa uma maior pluralidade de *clusters*, o que está ligado ao volume de mensagens que tocam o tópico da desinformação. Em todo caso, para manter o padrão, selecionamos cinco grupos que representam os principais temas de conversação na plataforma.

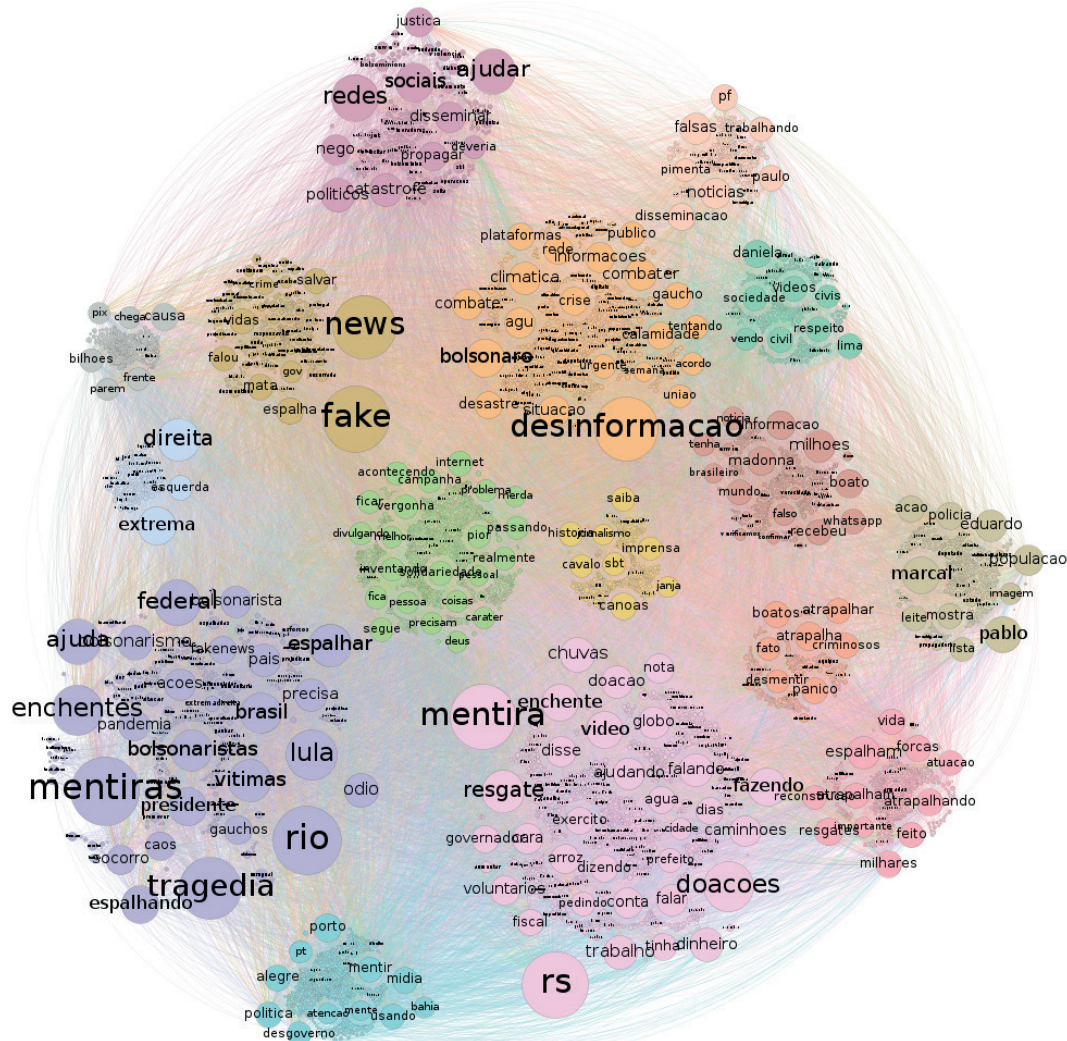
ção. Integrantes da 14ª Brigada de Infantaria Motorizada, os militares, cujos nomes não foram divulgados, repassaram à população a informação de que um dique tinha se rompido e que as águas inundariam o bairro Mathias Velho, contribuindo para disseminar o pânico entre os moradores da área [...]”. O combate à desinformação sobre caminhões sendo parados por falta de nota fiscal tem como exemplo a seguinte mensagem: “A juíza Fernanda Ajnhorn, do plantão do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, determinou que a subcelebridade e ex-BBB Nego Di pare de promover novas postagens contendo desinformação sobre a tragédia das inundações no Rio Grande do Sul. Além disso, ela indicou uma multa de R\$ 100 mil por dia pela reincidência. No entanto, ele segue desafiando a justiça e disparando novas mentiras. De acordo com reportagem do portal Terra assinada por Marcel Plasse, ‘em novo vídeo postado na noite de domingo (12), o humorista gaúcho atacou o governo, a Justiça e a rede Globo, acusando-os de tentar censurá-lo. Em tom de palanque eleitoral, ele acusou quem o acusa de espalhar fake news como os verdadeiros responsáveis por contar mentiras. No mesmo fôlego, voltou a dizer que caminhões de doação estavam sendo barrados por não terem nota fiscal, situação que nunca aconteceu e já foi amplamente negada’ [...]”.

11 A seguinte mensagem exemplifica a conversação no cluster: “A Advocacia Geral da União (AGU) entrou com ação judicial com pedido de resposta contra o coach Pablo Marçal em razão de postagens com informações falsas sobre a atuação das Forças Armadas na prestação de auxílio à população do Rio Grande do Sul, vítima de inundações causadas por tempestades registradas no estado. Marçal foi acionado pela AGU por ter postado vídeos no Instagram e no TikTok acusando as Forças Armadas de inércia na tragédia [...]”.

12 Um exemplo desse caso é: “A atenção e os esforços do ministro Paulo Pimenta foram essenciais para a mobilização da solidariedade e dos recursos federais para o Rio Grande do Sul nessa tragédia. Faz muito bem o presidente @lulaoficial ao nomeá-lo ministro extraordinário para coordenar os trabalhos de emergência e reconstrução do estado. As críticas ao fato de ser um político chegam a ser hipócritas, porque partem exatamente de setores que tentaram explorar politicamente a crise que atinge a população. E muitos deles fizeram isso espalhando mentiras e tentando desacreditar a ação do governo federal. No fundo, essa reação oportunista alimenta o processo de deslegitimação e criminalização da política, que só favorece a extrema-direita e os inimigos da democracia[...]”.

13 Para exemplificar, a seguinte postagem compõe o grupo: “Hoje faz um mês das enchentes do RS, que provocaram a morte de 169 pessoas e fizeram com que 600 mil deixassem suas casas. A emergência climática reforçou outro fenômeno de nossos tempos muito devastador: a desinformação. Segundo o Instituto Democracia em Xequê, parceiro da #bollbrasil, entre 7 e 13 de maio as inundações no RS dominaram as redes sociais, com 7,7 milhões de publicações. Destas, 4,3 milhões de postagens envolviam desinformação. Além disso, 75% desses conteúdos foram atribuídos à extrema direita, como mostrou a reportagem da @agenciapublica [...]. Confira pelo #linknabio #riograndedosul #desinformação #criseclimatica #fakenews”.

Figura 3 – Rede semântica das mensagens sobre desinformação no X



Fonte: elaborada pelos autores.

1) O cluster rosa (composto por 11,96% dos termos da rede), de denúncia de desinformação, tem como principais mensagens aquelas que contestam a informação de que caminhões de doação estariam sendo parados por falta de nota fiscal e o alarmismo sobre uma possível falta de arroz e água para a população.¹⁴ 2) o grupo salmão (8,16%), de responsabilização das plataformas e da direita, apresenta mensagens que tratam tanto de ações da União para exigir das plataformas a remoção de desinformação sobre a catástrofe do Rio Grande do Sul quanto do uso político das redes sociais por políticos ligados ao campo da direita.¹⁵ 3) Grupo marrom (6,03%), de contestação das desinformações em torno do show Madonna no Rio de Janeiro, representa as postagens ligadas às polêmicas sobre o financiamento da exibição e à suposta doação da cantora aos atingidos. 4) O grupo roxo (4,81%), de defesa do Governo Federal e polarização, tem como tópico central a divulgação das ações do presidente Lula durante a

14 Um exemplo é a seguinte mensagem: “[...] ANTT fiscalizou SEIS caminhões no início da confusão e já reverteu as multas. Acusaram o governo federal e o RS de exigir NFs, o que é MENTIRA. Também acusaram a PM de multar barcos sem documentação. OUTRA MENTIRA. Também espalharam o mesmo dizendo que faltaria arroz. MENTIRA”.

15 No caso das ações governamentais contra a desinformação, temos o seguinte exemplo: “A AGU encaminhou notificações extrajudiciais para plataformas digitais com pedido para que postagens com desinformação sobre a entrega de cestas de alimentos no Rio Grande do Sul sejam removidas em um prazo máximo de 24 horas [...]”. Sobre a atuação de figuras ligadas à extrema-direita, lemos: “□ Pablo Marçal e Eduardo Bolsonaro: estudo lista maiores propagadores de desinformação sobre tragédia no RS [...]”.

catástrofe e o contraste com o ex-presidente Bolsonaro.¹⁶ 5) O grupo lilás (4,03%), de crítica à extrema-direita como fonte de desinformação, problematiza mais amplamente o uso político das redes sociais para a disseminação de informações falsas.¹⁷ Além dos *clusters* mencionados, embora seja menor, cabe ainda mencionar a presença de um grupo azul específico de crítica às ações governamentais, que tem como símbolo a palavra *desgoverno* associada a *mentir*.

Após esse breve panorama das mensagens sobre desinformação no Facebook, Instagram e Twitter, quatro aspectos merecem ser reforçados. Primeiro, as reflexões de caráter mais conceitual têm pouca tração no debate público, havendo sobreposição entre o uso dos termos *desinformação* e *fake news* (inclusive em veículos de notícias e no discurso político em geral). Segundo, ainda que seja possível notar a presença de mensagens que problematizam a desinformação meramente pelos danos causados em situações de crise, o debate é intensamente perpassado pela disputa política. Terceiro, a conversação sobre os problemas ocasionados pela desinformação tem sido uma pauta assumida pelo campo da esquerda que tem repercutido junto ao público. Quarto, é possível notar que a veiculação de informações imprecisas e rumores têm cumprido uma função polêmica, contribuindo para que os divulgadores obtenham atenção pública, mas também para a manutenção do tensionamento social.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho, como acentuamos, foi compreender as aproximações e distanciamentos sobre o debate especializado e a conversação pública geral sobre desinformação. A começar pelas diferenças entre ambos os campos, um aspecto se destaca: as disputas conceituais que têm tido papel relevante nos periódicos científicos não encontraram paralelo na discussão observada nas redes sociais no período da emergência climática atravessada pelo Rio Grande do Sul. De fato, em uma situação de crise, as disputas pelos melhores termos tendem a ficar em segundo plano em comparação com a resolução de problemas. Todavia, chama atenção que tanto imprensa quanto gestores mantêm o uso de *fake news* como expressão para tratar do fenômeno da profusão de informações falsas e imprecisas, contrariando a tendência atual do debate acadêmico, em especial, no campo da Comunicação Social. Se, por um lado, isso pode ser reflexo da preocupação em se comunicar com o público não-especializado, por outro, há os riscos implicados em se adotar um vocabulário que tem sido utilizado contra a imprensa e servido à desorientação do debate público (Wardle; Derakhshan, 2017; Benkler; Faris; Roberts, 2018). Em todo caso, não deixa de ser relevante o fato de que a noção de *desinformação* ganhou o vocabulário público e disputa espaço com *fake news*.

Olhando a discussão acadêmica por um prisma amplo, é importante notar que, se na Comunicação Social é possível observar uma prevalência de *desinformação*, o uso de *fake news* é frequente em outras áreas do conhecimento, como as Ciências da Saúde. Alguns estudos delimitam o termo apenas para descrever conteúdos que simulam matérias jornalísticas, enquanto outros o utilizam como sinônimo de *desinformação*. Essa coexistência de abordagens evidencia a complexidade do fenômeno e a falta de consenso em torno da nomenclatura, assim como a influência da discussão pública na produção acadêmica. Também é observada uma tentativa de escapar da dicotomia entre *desinformação* e *fake news*, com a proposição de conceitos alternativos baseados em construções teóricas específicas que

16 A defesa do presidente Lula aparece em mensagens como: "[...] MENTIRAS e mais MENTIRAS, o bombardeio é gigantesco dia e noite!! Esses malditos estão usando a tragédia no meu estado para mentir sobre o governo de Lula, que, graças a Deus é o Presidente, pois, se fosse o inelegível, poderiam riscar o RS do mapa". A crítica ao ex-presidente Bolsonaro tem como exemplo: "Tem que regulamentar as redes sociais, não tem jeito! O RS sendo destruído com as chuvas. E bolsonarista escroto falando mentiras, criando merda na cabeça do povo! [...]".

17 Um exemplo das mensagens desse grupo é: "[...] Cadê os políticos bolsominions do Rio Grande do Sul para ajudar os moradores dessa catástrofe Essa seita diabólica bolsominion só serve para disseminar o ódio, incitar a violência e propagar mentiras nas redes sociais Estão andando de jet ski".

correm paralelamente, compondo uma profusão conceitual.

No que concerne às aproximações entre as discussões em ambas as esferas destaca-se que, assim como a correlação entre disputas políticas e desinformação tem sido enfatizada nos artigos publicados em periódicos, a conversação pública tem sido marcada pela politização do tema. Em parte, tal viés é indissociável da tendência observada na literatura secundária de uso político das informações falsas e imprecisas como forma de agravar a polarização social e reforçar as identidades de grupo. A dificuldade reside no fato de que o reforço da politização do tema corre o risco de alienar uma parcela da população que se identifica com o campo político acusado de disseminação de desinformação. No caso específico do que pôde ser observado neste trabalho, certos atores têm explorado a ideia de que o combate à desinformação é utilizado como instrumento de censura.

Nesse ponto, o papel da imprensa como mediadora entre os debates acadêmicos e públicos é de extrema importância. A tradução de conceitos relacionados à desinformação em narrativas acessíveis desempenha um papel relevante na percepção pública do fenômeno. Contudo, o risco inerente a tal mediação é a possibilidade de gerar simplificações que dificultam o acesso às nuances que envolvem o tema. No que concerne às redes sociais, elas desempenham um papel paradoxal no debate sobre desinformação: ao mesmo tempo em que amplificam e estimulam a discussão pública sobre o assunto, o excesso de ruídos e o fenômeno de polarização que atravessa tais ambientes têm o potencial de distorcer a compreensão e o alcance dos debates. A reconhecida centralidade das redes sociais nesse processo sublinha a importância de investigar de que maneira essas plataformas influenciam tanto o discurso acadêmico quanto o público, considerando seu impacto na formação de narrativas, no reforço de polarizações e na construção de percepções sobre o fenômeno da desinformação.

Enfim, há ainda outros aspectos a serem explorados a respeito das convergências e divergências entre os debates especializados e não-especializados sobre desinformação. Em particular, parece-nos importante observar a atuação da imprensa na criação de uma interface entre os dois âmbitos e como as noções de *desinformação* e *fake news* são utilizadas, bem como o uso de tais noções no discurso político (para além dos estudos que enfocam as apropriações realizadas pela extrema-direita). No que diz respeito a produções futuras, permanece em aberto o entendimento sobre o compartilhamento temático entre diferentes plataformas e como os conteúdos transitam de uma esfera para outra, influenciando a percepção pública e acadêmica dos fenômenos.

Referências bibliográficas

ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. Social Media and Fake News in the 2016 Election. **Journal of Economic Perspectives**, v. 31, n. 2, p. 211–36, 2017.

ANÇANELLO, J. et al. Competência em Informação, fake news e desinformação: análise das pesquisas no contexto brasileiro. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 29, e-125782, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1808-5245.29.125782>. Acesso em: 5 de jun. 2025.

BAKIR, V.; McSTAY, A. Fake news and the economy of emotions: problems, causes, solutions. **Digital Journalism**, v. 6, n. 2, p. 154–175, 2018. Disponível em: <http://doi.org/10.1080/21670811.2017.1345645>. Acesso em: 12 jan. 2025.

BENKLER, Y; FARIS, R; ROBERTS, H. **Network Propaganda: Manipulation, Disinformation and Radicalization in American Politics**. New York: Oxford University Press, 2018.

CASTRO, R. et al. Comunicação política, fake news e redes sociais: uma revisão sistemática da literatura. **Comunicação política, fake news e redes sociais: uma revisão sistemática da literatura** Postdata, v. 27, n. 1, p. 48-63, 2022.

PANORAMA político 2024: Notícias falsas e Democracia. **Datasenado**, Senado Federal, Brasília: 2024.

Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasetenado/materias/relatorios-de-pesquisa/pesquisa-datasetenado-revela-o-que-pensa-o-brasileiro-sobre-fake-news>. Acesso em: 10 de jan. 2025.

HABERMAS, Jürgen. **A New Structural Transformation of the Public Sphere and Deliberative Politics**. Cambridge: Polity Press, 2023.

KARLOVA, N. A.; FISHER, K. E. A social diffusion model of misinformation and disinformation for understanding human information behaviour. **Information Research**, v. 18, n. 1, 2013.

MASSARANI, L et al. Infodemia, desinformação e vacinas: a circulação de conteúdos em redes sociais antes e depois da COVID-19. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5689>. Acesso em: 5 de jun. 2025.

ENCHENTES no Rio Grande do Sul: Uma análise da desinformação multiplataforma sobre o desastre climático. **Netlab**, s. l., 2024. Disponível em: <https://netlab.eco.ufrj.br/post/enchentes-norio-grande-do-sul-uma-an%C3%A1lise-da-desinforma%C3%A7%C3%A3o-multiplataforma-sobre-o-desastre-clim%C3%A1ti>. Acesso em: 10 de jan. 2025.

NEWMAN, N. et al. **Digital News Report 2020**. Reuters Institute, 2020. Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-06/DNR_2020_FINAL.pdf. Acesso: 10 de jan. 2025.

NEWMAN, N. et al. **Digital News Report 2024**. Reuters Institute, 2024. Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2024-06/RISJ_DNR_2024_Digital_v10%20lr.pdf. Acesso em: 20 de maio 2025

ONDA de Fake News atrapalha socorro ao Rio Grande do Sul. **Senado**, Verifica, Matérias, 14 de abril de 2024.

ONU. **Informe de política para nossa agenda comum: Integridade da informação nas plataformas digitais**. [s.l.], out. 2023

OPAS. **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19**. Kit de ferramentas de transformação digital. Ferramentas de conhecimento; 9. 2020 Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52054>. Acesso em: 10 jan. 2025.

SANTAELLA, L. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2018.

SACRAMENTO, I.; FALCÃO, H.; MONARI, A. C. Entrando no campo da desinformação: emoções conflitantes e os limites da relativização. **Saúde e Sociedade (Online)**, v. 32, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/KPnyhc4Hmk5CvcXb7j9frTS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 jun. 2025.

SANTOS, M. L. R. et al. Ações governamentais para enfrentamento da crise de desinformação durante a pandemia da Covid-19. **Saúde Debate**, Rio De Janeiro, v. 45, n. Especial 2, P. 187-204, Dez 2021.

TANDOC JR., E. C.; LIM, Z. W.; LING, R. Defining “fake news”: a typology of scholarly definitions. **Digital Journalism**, Abingdon, v. 6, n. 2, p. 137-153, 2018.

TRUSTLAB. **Code of Practice on Disinformation: A Comparative Analysis of the Prevalence and Sources of Disinformation across Major Social Media Platforms in Poland, Slovakia, and Spain**. Semi-Annual Report, September 2023. Disponível em: https://cdn.prod.website-files.com/661eb9d45168207d75d001c7/66563cf7a1f0730b04efe32f_Code-of-Practice-on-Disinformation-September-22-2023.pdf. Acesso em: 20 de maio 2025. WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. Strasbourg Cedex, France: Council of Europe, 2017. Disponível em: rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c. Acesso em: 10 jan. 2025.

WU, L. et al. Misinformation in social media: Definition, manipulation, and detection. **SIGKDD Explorations**, 21, p. 80–90, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1145/3373464.3373475>. Acesso em: 5 de jun. 2025.

Luana Chinazzo é doutora com dupla titulação em Comunicação Social e Sociologia. Atua como pesquisadora do Laboratório de Internet e Ciência de Dados (LABIC) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e realiza estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; desenvolvimento da revisão sistemática da literatura sobre desinformação; redação e revisão de texto; redação da versão em língua estrangeira.

Fábio Malini é professor no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). É coordenador do Laboratório de Internet e Ciência de Dados (LABIC) da UFES. Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados; apoio na revisão de texto; revisão da versão em língua estrangeira.

Gabriel Herkenhoff Coelho Moura é doutor em Filosofia. Realiza estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pesquisador do Laboratório de Internet e Ciência de Dados (LABIC) da UFES. Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; desenvolvimento da análise de redes sociais; redação e revisão de texto; revisão da versão em língua estrangeira.